

## Deus e o Estoicismo em Marco Aurélio

### Uma experiência, uma escolha e a busca da excelência

A tradição estoica é, antes de tudo, uma escolha de vida. Uma forma de vida que é escolhida a partir de uma experiência. Sêneca, em uma de suas cartas, resume esta experiência com as seguintes palavras: “*Nós, que sonhávamos com a eternidade, somos obrigados a encarar a morte*”<sup>1</sup>. Quanto a essa experiência diz Pierre Hadot: “*A experiência estoica consiste em uma tomada de consciência aguda da situação trágica do homem condicionado pelo destino. Aparentemente não somos livres para nada, pois não depende absolutamente de nós ser belos, fortes, com boa saúde, ricos, experimentar o prazer ou escapar ao sofrimento. [...] Tudo em nossa vida nos escapa*”<sup>2</sup>. Paralelamente ao sonho humano de imortalidade e do desejo inato por uma vida plena e feliz, a experiência que acompanha o homem é a da constante transformação que a tudo torna insignificante. O acompanha sempre essa experiência incompatível com seu desejo, experiência marcada pela morte e insignificância. Faz-se necessário encontrar uma solução, um significado para a vida, uma *salvação*. Nesse ponto, é notável – ao contrário do que se costuma pensar – como é otimista a filosofia do pórtico. Esse otimismo não é outra coisa senão a escolha de vida de que falamos, é a escolha de afirmar que existe uma solução, é possível dar significado à vida e alcançar a felicidade. Essa *salvação*, para os estoicos – e, portanto, para Marco Aurélio – pode ser alcançada por todos e aqui mesmo nesta vida, e reside na conquista da excelência humana (*aretē*), isto é, na conquista da imperturbabilidade diante de um destino trágico:

A salvação (*sōtēria*) na vida depende de vermos todas as coisas inteiramente e em sua realidade, [...] de fazermos o que é justo e falarmos a verdade com toda a nossa alma. Que mais, senão se deleitar com a vida, encadeando uma ação boa à outra de maneira a não deixar nem mesmo o mais breve intervalo? (XII, 29)

Toma-me e atiras-me onde quiseres. Pois, onde quer que seja mantereí meu *daimon* gracioso, isto é, satisfeito se em si mesmo e nas suas ações puder seguir as leis de sua própria constituição. (VIII, 45)

Ponha um fim, de uma vez por todas, a discussão sobre como um homem bom deve ser e seja um. (X, 16)

Esta busca pela excelência nos estoicos, como veremos, está intimamente vinculada ao entendimento de Deus:

Que alma é capaz e sábia? A que conhece o princípio e o fim, a Razão que informa toda a substância e rege o Todo segundo ciclos regulares por toda a eternidade. (V, 32)

Tenha seu deleite e seu descanso nesta única coisa: passar de uma ação social a outra ação social, lembrando-se de Deus. (VI, 7)

Assim, é importante entender melhor o que os estoicos chamavam de Deus.

<sup>1</sup> SÊNECA, Lúcio Anneo. *Aprendendo a viver*, editora L&PM Pocket, janeiro de 2009 pág 114. (Cartas a Lucílio n° 101)

<sup>2</sup> HADOT, Pierre. *O que é a filosofia antiga?*, Edições Loyola 2004, pág 188.

## Deus, a física e a visão cósmica

Para entender melhor o papel e a importância de Deus, no estoicismo e em Marco Aurélio, é preciso entender o lugar da “física” nesta tradição. Contudo, devemos cuidar para não cairmos no erro de entender sua física simplesmente como uma teoria ou como uma tentativa imparcial de descrever o universo. Devemos entendê-la dentro dos moldes da filosofia antiga, e mais precisamente, da filosofia helenística. Portanto, podemos dizer que a física dos estóicos é não apenas teoria, mas prática. Trata-se de um exercício espiritual no qual o filósofo, tendo à mão certos conceitos e axiomas, se esforça por ver o mundo com outros olhos e por mudar sua forma de agir no mundo.

A física estóica é geralmente conhecida por seu determinismo absoluto e pela ênfase no tema do destino. Contudo, é também a parte da filosofia que trata de Deus – pois esse não é diferente da Natureza. Os estóicos partem da observação de que este universo é dotado de ordem e, portanto, de razão, inteligência. Observando o corpo humano, por exemplo, vemos que cada uma de suas partes cumpre uma função e tem uma razão de ser. Além disso, cada parte dele se relaciona com o resto de forma harmônica formando um todo organizado. Observamos o mesmo nas plantas, no instinto de um animal e nos astros. Podemos ampliar esse conceito até que abarque toda a criação:

O mundo é Ordem ou é um aglomerado caótico não deixando, por isso, de se constituir num todo. Mas, admities haver ordem em ti e só desordem e confusão no universo? Principalmente quando as coisas se apresentam tão distintas, tão solidárias e tão harmoniosas? (IV, 27)

O universo funciona sob leis, e sobretudo, sob a lei de causalidade. Tudo tem uma causa que o determina, e essa causa pode ser rastreada até o princípio da criação, isto é, Deus. Assim, cada acontecimento, até o mais insignificante, se realiza conforme esta ordem e vontade divinas.

O que quer que te aconteça estava para ti preparado desde a eternidade, e o encadeamento das causas desde a eternidade teceu sua existência e este acontecimento numa mesma trama. (X, 5)

A partir desta visão introdutória já podemos perceber a importância absoluta da física para a atitude estóica de aceitação do Destino e também para a realização da sua meta entendida como “viver de acordo com a Natureza” (*kata physin*).

Já os antigos estóicos colocavam a física num local de destaque dentro da divisão que faziam da filosofia. Eles dividiam a filosofia em três partes: lógica, ética e física. Comparando a filosofia a um ser vivo, é dito que os ossos seriam a lógica, a carne a ética, e a *alma seria a física*. A um ovo, a casca seria a lógica, a clara a ética e a *gema seria a física*. Comparando a um campo fértil, a cerca externa seria a lógica, os frutos a ética e o solo ou as árvores seriam a física. “E nenhuma parte é separada das outras, como dizem alguns estóicos, mas ao contrário todas estão estreitamente unidas entre si”<sup>1</sup>. Assim como é central a importância da física nessa filosofia, poderíamos dizer o mesmo da importância de Deus. Pois, se lembrarmos que os termos “Deus” e “Natureza” geralmente se equivalem, podemos encarar a física (isto é, a investigação da *physis* ou natureza) como uma investigação acerca de Deus. E o estudo e prática desta parte da filosofia são centrais porque serão eles que possibilitarão ao filósofo estóico alcançar sua meta: a excelência. Através da física ele ampliará sua visão, passando de uma consciência individual egocêntrica para uma consciência maior: uma “consciência cósmica”. Nas seguintes passagens podemos ver em Marco Aurélio o registro desta relação entre a física, Deus, e a conquista da excelência:

Assim como os médicos tem seus equipamentos e instrumentos sempre à mão para operações de emergência, da mesma maneira tenhas à mão seus axiomas (*dogmata*) prontos para analisar as coisas humanas e divinas, e para que tudo realizes, mesmo o ato mais insignificante, com plena consciência dos laços recíprocos destas duas

---

<sup>1</sup> LAÉRCIO, Diógenes. Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres, Editora Universidade de Brasília 2ª edição, reimpressão 2008, pág. 190 (VII, 1, §40)

coisas. Nenhuma ação humana será bem feita se não a relacionares com as divinas e vice-versa. (III, 13)

Nestes axiomas ou princípios está sempre presente a física, que possibilita ao filósofo analisar cada coisa sem perder de vista a relação desta com a Ordem cósmica e Divina. Estes axiomas o relembram de que tudo está inter-relacionado e assim, o permitem deslocar sua perspectiva e adquirir uma *mente ampliada*:

Pois nada contribui tanto para a *grandeza da mente* (*megalofrosýnes*) quanto a habilidade de examinar honesta e sistematicamente cada coisa que a vida nos apresenta, e de considerar estas coisas sempre de tal maneira a formar uma concepção sobre o tipo de Universo a que elas pertencem, sobre a função que a coisa em questão preenche nele; [...]; sobre o que exatamente essa coisa é, e composto de quais elementos, e provável a durar quanto tempo; [...] Em todo caso, portanto, tu deves dizer: *Isso veio de Deus*. (III, 11)

E também, é esta *mente ampliada* que torna o filósofo *inatingível*, imperturbável:

Encontre um método para investigar de que modo as coisas se transformam umas nas outras. Presta muita atenção a esse ramo de estudo, e exercite a si mesmo nele. Pois nada contribui tanto para a *grandeza da mente* (*megalofrosýnes*). O homem que se dedica a isto como que se despoja do corpo, e, considerando que breve terá que deixar tudo e sair de entre os homens, se entrega total e unicamente a: agir com justiça em todas as suas ações e à Natureza do Todo em tudo quanto lhe acontece. O que outros podem dizer ou pensar sobre ele, ou o que podem fazer contra ele, *nem sequer atinge sua mente*, estando satisfeito com estas duas coisas: justiça em todas as suas presentes ações e contentamento pelo que lhe acontece neste instante. Ele abandona todas as ambições e preocupações e não tem nenhum outro desejo senão manter-se no caminho reto da Lei, e com isso, seguir o caminho de Deus. (X, 11)

### Os nomes de Deus

Quanto à questão sobre o estoicismo ser politeísta ou monoteísta é necessário fazer algumas observações. Em primeiro lugar, é importante dizer que Marco Aurélio e os estóicos de maneira geral usam os termos “Deus” e “Deuses” sem fazer qualquer diferenciação, como por exemplo, quando utiliza a expressão “seguir à Deus” (X,11; XII, 31; VII, 31) no mesmo sentido que “seguir aos Deuses” (III,9; XII 27). Sobre esse assunto temos mais informações na exposição sobre o estoicismo feita pelo antigo Diógenes Laércio:

Deus é uma substância única, quer se chame mente, ou destino, ou Zeus, mas é designado ainda por muitos outros nomes<sup>1</sup>.

Deus é um ser imortal, racional, perfeito e inteligente, feliz, insusceptível de qualquer mal, solícito em sua providência, em relação ao cosmos e a tudo que está no mesmo, mas não tem forma humana. É o demiurgo do universo e, *como se fosse* o pai de todas as coisas, é aquilo que penetra em toda parte, total ou parcialmente, e recebe muitos nomes de acordo com as várias modalidades de sua potência. Chama-se Dia (*Dia*) porque tudo acontece graças a ele (*diá*); Zeus (*Zena*) porque é causa da vida (*zen*) ou porque permeia toda a vida; Atena (*Athenan*) porque sua hegemonia se estende ao éter (*aithera*); Hera (*Héran*) porque domina o ar (*aera*); Héfaístios porque é senhor do fogo criador; Poseidon porque domina o elemento líquido, e Dêmetra porque domina toda a terra. Os homens lhe deram ainda outros nomes, para salientar outras propriedades particulares suas.<sup>2</sup>

Assim, o conceito de “Deus” para os estóicos tem um significado muito amplo e está menos próximo de uma definição rigorosa do que de uma noção intuitiva. Entretanto, fica claro que não há uma disputa de vários deuses, mas, pelo contrário, que é uma só a Causa primeira, simultaneamente causa inteligente e causa material. Ao mesmo tempo em que significa o princípio inteligente que se opõe à matéria<sup>3</sup>, sendo assim a Razão na matéria, Deus é também o Todo, o próprio Cosmos em sua

<sup>1</sup> Id. Ibid., pág. 212. (VII, 1, §135).

<sup>2</sup> Id. Ibid., pág. 214. (VII, 1, §147).

<sup>3</sup> Id. Ibid., pág. 212. (VII, 1, §134).

materialidade. Ao mesmo tempo em que é um único Deus, é múltiplo em seus aspectos que a tudo permeiam: “... *um único Deus imanente em todas as coisas...*”<sup>1</sup>.

Seguindo esta tradição, Marco Aurélio se refere a este Deus por meio de diferentes nomes e de diferentes maneiras:

De acordo com a Natureza do Todo (*holōn physin*) todas as coisas são realizadas. [...] (VI, 9)

Caminha com os Deuses! Caminha com os Deuses quem lhes mostra a alma constantemente satisfeita com o seu quinhão, praticando tudo conforme a vontade do *daimon*, partícula dele mesmo, que Zeus deu a cada homem como seu capitão e guia. E este não é outra coisa senão a inteligência e a razão de cada homem. (V, 27)

Com todo teu coração, entrega-te à Clotho<sup>2</sup>, deixando-A tecer teu destino com os acontecimentos que melhor convierem a Ela. (IV, 34)

### Determinismo ou um Deus ao qual se pode orar?

Não há dúvidas de que todos estes demais Deuses fazem parte de um linguajar simbólico e mitológico e que correspondem a uma necessidade humana de tornar mais próximo o Deus incorpóreo e racional do estoicismo. Em algumas passagens de Marco Aurélio (V, 27), fica claro o caráter simbólico destas entidades. Da mesma maneira vemos em Sêneca a seguinte observação:

Os antigos não acreditavam que Júpiter [=Zeus] que adoramos no Capitol e em outros templos mandava raios com suas próprias mãos.<sup>3</sup>

No entanto, em outras passagens de Marco Aurélio, indo além da mera linguagem simbólica, ele se refere claramente a uma *Providência pessoal* que se preocupa com a raça humana. Por detrás destes símbolos existe de fato referência a um tipo de Providência diferente daquele que é a Razão responsável pelo impulso originário. Na seguinte passagem, por exemplo, o Imperador agradece e lista uma série de benefícios que atribui ao auxílio dos Deuses:

Por ter alcançado, clara e frequentemente, o sentido de “viver segundo a natureza”, de tal forma que, no que depende dos Deuses, de seus dons, de sua assistência, de suas inspirações, nada me teria impedido de há muito viver desse modo. Se nem sempre o consegui, foi por culpa minha, devido a não observar o aviso dos Deuses, ou seja, suas lições. [...] Por ter tido em sonhos a revelação de remédios, entre outros contra escarros de sangue. E quando me empolgou a filosofia, não ter caído nas mãos de algum sofista, nem cedido à tentação de me fazer passar por escritor, ou de resolver silogismos, ou de decifrar os fenômenos celestes. Isso tudo exige sorte boa e a ajuda dos Deuses. (I, 17)

Temos assim uma aparente contradição entre duas concepções opostas acerca de Deus. Por um lado temos a concepção mais tradicional de que falamos ao longo deste texto. Uma providência impessoal, responsável pelo impulso originário a partir do qual se desenrola toda a criação como consequência. De outro lado, temos a concepção de um Deus que se preocupa com os mais particulares detalhes da vida das pessoas e ao qual se pode orar. Seria possível conciliar estas duas concepções? Num primeiro momento podemos dizer que não, pois esta última concepção não parece ser compatível com os princípios estoicos. Afinal, se tudo acontece segundo a Ordem, pedir ajuda de Deus seria no mínimo algo totalmente nulo e ineficaz.

Contudo, vemos que desde o estoicismo mais antigo, com o famoso *Hino a Zeus* de Cleantes, a prática da oração já fazia parte desta tradição. Além disso, vemos outras afirmações

---

<sup>1</sup> Marco Aurélio, VII, 9.

<sup>2</sup> Clotho é “aquela que tece”. É uma das três Parcas ou Moiras, deusas da mitologia grega associadas ao destino.

<sup>3</sup> HADOT, Pierre. *The Inner Citadel*. Harvard University Press 2001, pág. 158. Apud.: Seneca, *Natural Questions*, II, 45, I.

sobre isso na exposição de Diógenes Laércio que confirmam essa tradição:

Poseidônios no primeiro livro da sua obra *Dos Deveres*, e Hecáton no terceiro livro da sua obra *Dos Paradoxos*, dizem que o sábio fará preces e pedirá coisas boas aos deuses.<sup>1</sup>

E assim vemos em Marco Aurélio:

Veja a oração dos atenienses: “Faze chover, faze chover, bom Zeus, nos campos e prados dos atenienses!” Ou não se reze, ou dessa forma se reze, com nobreza e simplicidade. (V, 7)

Uma vez que a prática da oração acompanha toda a tradição estóica, podemos dizer o mesmo da concepção de uma Providência que cuida particularmente dos indivíduos humanos, auxiliando lhes em vários sentidos. Assim, é preciso entender de que maneira estas duas visões sobre Deus – a princípio contraditórias – podem ser compatíveis. Para isso, é interessante ler o seguinte trecho de Pierre Hadot<sup>2</sup> que fala exatamente sobre este assunto, isto é, sobre como é possível uma compatibilidade entre estas duas visões:

Uma vez que desconectamos a hipótese da providencia individual e especial da sua formulação mitológica, ela pode ser perfeitamente bem integrada dentro do esquema geral da teoria Estóica da providencia. Os Estóicos não apenas pensaram que a Razão universal havia, devido a seu impulso inicial, colocado em movimento uma lei de desenvolvimento do universo que tem como meta o bem do Todo; mas eles também admitiram que esta lei fundamental do universo tem como sua meta primordial o bem dos seres racionais (V, 16, 5):

Os seres inferiores existem para os propósitos dos seres superiores e os seres superiores existem uns para os outros.

Assim, a providência é exercida diretamente, especialmente sobre os seres racionais, e por consequência é também exercida sobre outros seres (VII, 75):

A Natureza do Todo deu o impulso no passado, para que a criação do universo pudesse vir a ser. Agora, entretanto, ou todas as coisas que acontecem ocorrem como consequência disto, ou existe um pequeno número de coisas (*oligista*) – e estas incluem as mais importantes – que são objeto de um ato de vontade particular, por parte do princípio guia do mundo.

Esse “pequeno número de coisas das mais importantes” se refere aos seres racionais. Existe, portanto, uma providência geral para o universo inteiro, que corresponde ao “impulso inicial” que Marco menciona aqui. Existe também uma providência especial para os seres racionais: é um ato de vontade particular que “exerce seu impulso sobre cada indivíduo” como Marco disse em outro lugar (IX, 28, 2). Contudo, estas duas concepções não são mutuamente exclusivas, pois a lei geral, que é imanente dentro do universo e que resulta do impulso inicial, quer a vida racional como o fim que justifica o universo. Orígenes<sup>3</sup> atribui essa doutrina explicitamente aos Estóicos:

A Providência fez todas as coisas primeiramente para o bem dos seres racionais. Os seres racionais, uma vez que constituem o mais importante, assumem o lugar de crianças trazidas ao mundo. Seres não racionais e inanimados assumem o lugar da placenta que é produzida ao mesmo tempo em que a criança. . . . A Providência cuida primeiramente das necessidades dos seres racionais, mas os seres não racionais também lucram, conseqüentemente, daquilo que é feito para os seres humanos.

Esse texto, contudo, não se opõe aquele no qual Cícero diz que Júpiter não liga para o dano causado pela chuva de granizo na horta de um fazendeiro; pois do ponto de vista Estóico o que conta não são tais coisas moralmente indiferentes como colheitas. Para eles, a única coisa importante é a elevação moral do ser humano e a sua busca por sabedoria. A Providência divina, matriz e nutriz para as criaturas inferiores, torna-se a educadora dos seres humanos. Henri Bergson costumava chamar o mundo “uma máquina fazedora de deuses”; mas os Estóicos, com prazer, tê-lo-iam chamado máquina fazedora de sábios.

---

<sup>1</sup> D.L. pág. 209. (VII, 1, § 124).

<sup>2</sup> HADOT, Pierre. *The Inner Citadel*. Harvard University Press 2001, pág 160-161.

<sup>3</sup> ORIGENS, *Against Celsus*, IV, 74. Apud. HADOT, Pierre. *The Inner Citadel*. Harvard University Press 2001.

De fato, os sábios parecem ser os objetos privilegiados desta providência individual. Note, por exemplo, na seguinte passagem de Epiteto (III, 26, 28):

Poderia Deus desinteressar-se por suas obras-primas, seus servos, e suas testemunhas: aqueles que ele coloca como exemplo diante das pessoas desprovidas de treinamento moral?

Temos também este texto de Cícero<sup>1</sup>:

Os deuses imortais não apenas se rejubilam com o ser humano, mas com homens em particular . . . os quais não poderiam ser o que são sem auxílio divino.

Portanto, a concepção de um Deus enquanto Providência particular não se opõe ao Deus da Razão e do Destino, uma vez que essa Razão universal – identificada com o impulso originário do Destino – tem como objetivo específico o bem dos seres humanos. Mesmo assim, poderia-se dizer que apesar desta Providência o homem continua a conviver com a guerra, a doença, a morte e etc. Onde estaria esta Providência especial que cuida dos seres racionais nisso tudo? É preciso lembrar, no entanto, que para um filósofo estóico nenhuma destas coisas é considerada verdadeiro mal. E, além disso, aos verdadeiros males foi dada ao homem a liberdade de poder evitá-los completamente:

... existem Deuses e eles se ocupam das coisas humanas; e eles puseram totalmente nas mãos do homem o poder de não cair nos males que verdadeiramente o são... (II, 11)

Assim como a Natureza dos racionais deu a cada ser racional suas demais capacidades, também dela nós recebemos a seguinte: assim como essa Natureza adapta a seu propósito qualquer interferência ou oposição que encontra, e lhe designa um lugar na ordem das coisas, tornando-lhe parte de si mesma, assim também a criatura racional tem a capacidade de converter qualquer obstáculo em matéria-prima para si mesmo, e utilizá-lo para seus propósitos. (VIII, 35)

A Divindade tem como objetivo não qualquer bem para o ser humano, mas o bem espiritual: a excelência de que falamos anteriormente. E é justamente nesta excelência que reside o poder inerente ao homem de evitar os verdadeiros males. Assim, cada situação deve ser vista como uma oportunidade de crescer em direção a esse fim que a Natureza nos direciona, pois até mesmo uma situação dolorosa como a doença, está nos encaminhando para a excelência.

... porque a excelência (*aretēs*) é o fim para o qual a natureza nos guia... <sup>2</sup>

Lembra-te quanto tempo vens protelando e quantas prorrogações de prazo concedidas pelos Deuses deixas-te de aproveitar... (II, 4)

Todos nós já ouvimos: “Esculápio<sup>3</sup> prescreveu para tal pessoa andar a cavalo, banhos frios, ou caminhar com os pés descalços”. Precisamente desta mesma maneira pode-se dizer que a Natureza Universal prescreveu para tal pessoa uma doença, uma mutilação, uma perda ou qualquer coisa deste tipo. Pois, no primeiro caso, “prescreveu” tem o seguinte significado: Ele ordenou isto a tal pessoa como algo conducente a sua saúde. Enquanto no outro significado, o que acontece a cada homem foi-lhe ordenado, de certa forma, como conducente ao seu destino. [...] Aceitemos, portanto, nosso destino assim como aceitamos as prescrições de Esculápio. Embora também neste haja muitas receitas amargas, nós aceitamos na esperança de saúde. (V, 8)

---

<sup>1</sup> CÍCERO. *On the Nature of Gods*, II, 66, 165-166. Apud. HADOT, Pierre. *The Inner Citadel*, 2001.

<sup>2</sup> D.L. pág. 201 (VII, 1, 87).

<sup>3</sup> Esculápio ou Asclépio (como está no grego) é o Deus da medicina na mitologia grega e romana. Havia, na época, oráculos de Esculápio aonde os doentes iam à procura de tratamentos.

## Deus como “máquina fazedora de sábios” e a prática da oração

Entendendo, desta maneira, que a Natureza do Todo, ou Deus, é uma “máquina fazedora de sábios”, isto é, que tem como propósito mais importante o bem espiritual dos seres racionais, podemos entender perfeitamente como a ideia de uma Providência particular se integra sem contradição à concepção de Deus na tradição estoíca.

Contudo, invocações e orações ainda podem nos parecer muito místicas e de certa maneira incompatíveis com as exigências racionais dos princípios estoícos. Podemos, com razão, dizer que uma prece que peça o fim de uma doença, por exemplo, ou que peça riquezas, equivale a jogar fora todos os princípios da tradição estoíca, pois consiste em desprezar aquele ensinamento básico segundo o qual tudo que acontece, acontece conforme a lei de Deus e tem uma razão de ser. Além disso, consiste também em desprezar totalmente o ensinamento segundo o qual a felicidade e realização do ser humano não residem nestas coisas, mas naquela única coisa que importa ao filósofo estoíco: a conquista da excelência humana. De fato, em acordo com isso, podemos notar que as orações estoícas em geral não estão relacionadas com pedidos dessa natureza, mas, pelo contrário são orações de natureza totalmente distinta. Vemos, por exemplo, no Hino a Zeus de Cleanthes, que seu objetivo é mais louvar e contemplar do que pedir respostas, e se há um pedido, ele é unicamente o de livrar-se da ignorância, ou seja, alcançar a excelência:

Dos imortais és o mais glorioso, chamado por muitos nomes, eternamente todo-poderoso, Zeus, a Causa primeira da Natureza, que a tudo governa com tua Lei. Saudações! Pois é da lei que os mortais devam se dirigir a ti. [...] Assim, eu te reverenciarei com meu hino e sempre cantarei o teu poder. [...] Ó Zeus, que tudo concede, habitante das nuvens negras e senhor do trovão, salve os homens da dolorosa ignorância. Expulse essa ignorância para longe dos seus corações; e lhes conceda descobrir a sabedoria, de acordo com a qual Tu governas todas as coisas com justiça. Que sendo assim honrados, eles possam reverenciar-te em retorno, e cantar as tuas glórias, como deve fazer um mortal; pois não há maior glória para um homem de Deus senão em cantar incessantemente, como se deve, a Lei Universal.<sup>1</sup>

Assim, podemos dizer que a prática da oração no estoicismo definitivamente não tem a função de pedir favores. Antes, estabelecer esta relação com Deus através de um diálogo faz parte da “Lei”, e tem uma função na medida em que auxilia o filósofo na conquista da excelência.

Ou os Deuses não tem poder, ou tem poder. Se Eles não têm poder, porque orar? Mas, se Eles têm poder, porque não orar para que eles te concedam libertar-se do medo de todas estas coisas, do desejo por todas estas coisas e do sofrimento por todas estas coisas, ao invés de orar para que te deem isto ou retirem aquilo. Pois, se Eles podem realmente auxiliar o homem, Eles certamente podem auxiliá-lo nisto. Porém, talvez você possa dizer: “Isto os Deuses colocaram sob meu poder”. [...] E quem disse que os Deuses não cooperam conosco mesmo nas coisas que estão sob nosso poder [excelência]? Começa a fazer tuas preces desta maneira e então verás. (IX, 40)

Que lei é essa pela qual o filósofo aproxima-se da excelência através da oração e como exatamente funciona esse mecanismo não é muito claro. Talvez porque ao contrário do rumo dos demais elementos do universo, o caminho pelo qual a excelência se realiza é mais difícil de conceber:

Para cima, para baixo e em círculo movem-se os elementos. Entretanto, o movimento da virtude (*aretes kinesis*) não está por nenhum destes caminhos. É algo de divino e movendo-se adiante por caminhos misteriosos chega bem ao seu objetivo. (VI, 17)

Apesar deste caráter enigmático da eficácia das orações e dos meios pelos quais ela auxilia na realização da excelência, podemos tentar entendê-la comparando-a com outras práticas estoícas. Uma vez que as orações no estoicismo tem marcadamente um caráter de louvor e contemplação de Deus, e cumprem a função de facilitar a realização da excelência na vida do filósofo, não podemos deixar de pensar na correspondência dessa prática com atividade de escritura das *Meditações* por

---

<sup>1</sup> Hino a Zeus, de Cleanthes. Tradução em língua inglesa de T.W. Rolleston.

Marco Aurélio. Nela o Imperador dialoga consigo mesmo, sempre numa tentativa incessante de relembrar a si mesmo do que verdadeiramente é importante, de forma a gravar profundamente em si, através da repetição, os princípios que o permitirão se tornar um verdadeiro filósofo. Além disso, a escrita de Marco consiste numa atividade que não visa à publicidade, mas que é feita quando se está sozinho, numa atitude mista de reverência e súplica. Essa prática de Marco Aurélio tem também uma preocupação poética com as palavras, assemelhando-se ao que vimos na oração de Cleanthes.

Então, talvez a oração no estoicismo seja também um diálogo do filósofo consigo mesmo, que cumpre a função de estabelecer uma relação cada vez mais forte entre o homem e o Divino. Além disso, este diálogo interno não surge de uma fraqueza ou inclinação à superstição – que nada tem a ver com o estoicismo. Pelo contrário, é um diálogo *legítimo*, concedido como recurso ao homem pela própria Natureza. Enfim, podemos dizer que a prática da oração no estoicismo é um recurso e um exercício, assim como a escrita de Marco Aurélio, que aproxima o filósofo da excelência ao constantemente relembrar-lhe de Deus.

### Conclusão

Recapitulando o que foi dito, em primeiro lugar vimos que o entendimento de Deus, como parte da física e, de certa forma, constituindo a própria física, é de central importância para o estoicismo e para Marco Aurélio. É central, pois, é a partir deste entendimento que o filósofo amplia sua mente e adquire a visão cósmica. Essa visão ampliada, conquistada através do exercício da física, permite ao filósofo acomodar todas adversidades trazidas pelo Destino, e não é outra coisa senão a própria excelência (*arete*), objetivo da vida do estóico.

Em segundo lugar, vimos que não existe no estoicismo nem em Marco Aurélio, uma dicotomia entre um Deus principal e outros Deuses secundários. Observamos a existência de uma linguagem simbólica e mitológica na base dos vários modos e nomes com os quais Marco Aurélio e os estóicos em geral se referem a Deus. Vimos que este Deus é realmente um único, simultaneamente causa inteligente e material do Universo.

Em terceiro lugar, analisamos os dois modos pelos quais o conceito de Deus é abordado no estoicismo. De um lado, um Deus racional, a Causa inicial que gera tudo mais como consequência através das leis inalteráveis do destino. Do outro lado, um Deus que se ocupa dos problemas humanos, para o qual se pode orar e que auxilia os homens de várias maneiras. Vimos que desassociando esta última concepção da linguagem simbólica e mitológica que a acompanha, ela passa a se integrar perfeitamente aos princípios racionais da física estóica. Pois, na medida em que o objetivo de Deus é encaminhar os homens para a excelência – como uma “máquina fazedora de sábios” –, até mesmo o acontecimento mais insignificante na vida de um ser humano torna-se conectado com o Divino, e torna-se um auxílio, pois se torna parte do caminho pelo qual se realiza a excelência.

Por fim, vimos que a prática da oração sempre fez parte da tradição estóica e procuramos entender seu lugar dentro dela. A prática da oração no estoicismo certamente corresponde a uma necessidade de se relacionar de maneira mais próxima com Deus, assim como no caso dos vários nomes usados na sua linguagem mitológica. Contudo, ela permanece fiel aos princípios racionais do estoicismo, pois nunca tem seu foco no pedido de favores mundanos. Ela é, antes de tudo, um exercício de reverência e louvor ao Divino, e a ajuda pedida sempre diz respeito à conquista da excelência. Por isso, comparamos a prática da oração com a prática da escrita de Marco Aurélio nas *Meditações*. As semelhanças nos permitem entender a oração estóica como um exercício através do qual o filósofo se aproxima de Deus, e assim, por caminhos misteriosos, se aproxima da sabedoria e da excelência.

## Sumário

Uma experiência, uma escolha e a busca da excelência .....	pág. 1
Deus, a física e a visão cósmica .....	pág. 2
Os nomes de Deus .....	pág. 3
Determinismo ou um Deus ao qual se pode orar? .....	pág. 4
Deus como “máquina fazedora de sábios” e a prática da oração .....	pág. 7

## Bibliografia

LAÉRCIO, Diógenes. *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*, Editora Universidade de Brasília 2ª edição, reimpressão 2008.

EPICTETUS. *The Enchiridion*. Translated by Elizabeth Carter (16 December 1717 – 19 February 1806) was an English poet, classicist, writer and translator, and a member of the Bluestocking Circle.

HADOT, Pierre. *The inner citadel: the Meditations of Marcus Aurelius*. Harvard University Press, 2001.

HADOT, Pierre *O que é filosofia antiga?* Edições Loyola, 2ª edição, 2004.

MARCUS AURELIUS. *Meditations*. Harvard University Press, 1916. Edited and Translated by C. R. Haines, Loeb Classical Library, 1930.

MARCO AURÉLIO. *Meditações*. Introdução, tradução e notas de Jaime Bruna. Editora Cultrix, São Paulo, 1989.

MARCO AURÉLIO. *Meditações*. Tradução de Alex Marins. Editora Martin Claret, São Paulo, 2005.